



EXPOSIÇÃO MARGENS: ENCONTROS QUE CONSTROEM PESQUISA

WAGNER FERREIRA PREVITALI¹; MATEUS FERNANDES DA SILVA²; SIMONE FERNANDES MATHIAS³; LOUISE PRADO ALFONSO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPel – wagnerfprevitali@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - UFPel - mateusfernandesdasilva@live.com

³Universidade Federal de Pelotas - UFPel - simonefernadezpel@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - UFPel - louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho vem apresentar os resultados da exposição *Margens: diferentes formas de habitar Pelotas* realizada no âmbito do Projeto de Pesquisa *Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*, que conta com apoio da FAPERGS. A exposição foi realizada durante a semana de comemoração do Dia do Patrimônio, organizado pela Secretaria Municipal de Cultura - SECULT de Pelotas, com o objetivo de debater com a comunidade os primeiros resultados da pesquisa.

A exposição, desde sua concepção até sua avaliação, gerou importantes dados para o projeto em apreço. Cabe ressaltar que cinco projetos de extensão estão vinculados ao *Margens*, todos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR, do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPEL. Sendo estes: *Mapeando a Noite: o Universo Travesti*; *Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas*; *Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogas e Antropólogos em Formação*; *O Trabalho Doméstico entre o Passado e o Presente*; e *A questão Afro-indígena nas escolas: oficinas com multiplicadores sobre identidade, patrimônio e arqueologia*.

O projeto *Margens* busca uma aproximação entre ensino, pesquisa e extensão. Tem como objetivos identificar e valorizar olhares de grupos diversos para o passado de Pelotas, estratégias de legitimação identitária desses grupos e incentivar debates e reflexões sobre a apropriação de elementos do passado e seu uso no presente, em especial considerando a materialidade. A pesquisa se pretende multidisciplinar, pois as reflexões a partir de áreas diversas favorecem a compreensão de variados usos do passado e modos de habitar a cidade.

Cabe destacar que processos de exclusão de vários grupos podem ser evidenciados ao longo da história de Pelotas. Trata-se de uma história marcada pela presença e valorização de homens brancos e pela riqueza do Charque, que resalta como temporalidades a época das charqueadas, representada no presente pelo tombamento dos casarões do centro histórico da cidade, enfatizando uma “determinada história, classe social, gênero e etnia” (Alfonso e Rieth 2017). As narrativas oficiais e políticas de patrimonialização, constantemente, excluem as histórias, as narrativas e a materialidade de outros grupos. A valorização e a visibilidade destes grupos, a partir da inclusão de suas narrativas, materialidades e de suas formas de habitar, nessa história oficial trata-se de uma das questões fundamentais da pesquisa. Neste sentido, privilegiou-se a elaboração de uma exposição que pudesse levar falas levantadas pela pesquisa no âmbito dos projetos de extensão desenvolvidos com grupos diversos, para dentro dos casarões, de forma a aproximar as histórias destes grupos à história oficial valorizada pelo poder público local.

2. METODOLOGIA



A metodologia do projeto envolve pesquisa bibliográfica, etnografias, observações participantes e ações participativas. Para este texto evidenciamos a elaboração de uma exposição em parceria com grupos pesquisados no qual o processo expositivo foi pensado de forma a compreender a relação destes com a cidade, suas lutas e suas vivências.

Os grupos envolvidos pelos projetos de extensão englobados pelo *Margens* realizam encontros semanais, desenvolvem pesquisas bibliográficas e etnografias coletivas, além de diferentes ações participativas. A pluralidade de temáticas e ações proporcionada pelos encontros dos projetos possibilitou a ideia da exposição ser realizada durante as comemorações do Dia do Patrimônio. Evento que, em 2017, teve como temática *Territórios daqui: identidades e pertencimento*.

Museus ou exposições podem favorecer um processo interativo de pesquisa e comunicação, construindo uma nova prática social quando pensados de forma colaborativa (CÂNDIDO 2003: 108). As exposições participativas favorecem que as/os visitantes e grupos participantes do processo expositivo sejam “sujeitos ativos – e não passivos – de sua própria história” (BARBUY apud CÂNDIDO 2003: 147), pois museus e outras instituições culturais têm importante papel na relação que as pessoas desenvolvem com sua realidade”. Para Scheiner os processos museais são como espelhos, onde os grupos “podem lidar simultaneamente, com identidade e alteridade, dentro de uma postura contemporânea de reconhecimento da pluralidade” (SCHEINER apud CÂNDIDO 2003: 148).

A exposição denominada *Margens: diferentes formas de habitar Pelotas* foi composta por seis módulos, além de um banner de apresentação e um referente aos créditos. Cada módulo exposto foi embasado nas pesquisas realizadas pelos diferentes grupos do GEEUR e era composto por um banner, pensado a partir da pedagogia da pergunta de Paulo Freire (2014), que apresentava os resultados das pesquisas sobre as temáticas, e por elementos da materialidade dos grupos, como: manequim representando os corpos travestis no caso do projeto Mapeando a noite, que buscou trazer para o debate questões de gênero, a luta contra a homofobia e contra a exclusão deste grupo; axós e guias representando yalorixás e babalorixás, atabaque e age, comuns aos rituais das religiões no módulo do projeto Terra de Santo que objetivou dar visibilidade à pluralidade de religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul e discutir a importância do respeito à diferença na luta contra a intolerância religiosa.

Outros objetos fizeram parte da exposição como: painel interativo com mapa da cidade de Pelotas, possibilitando que os visitantes também mostrassem suas relações e percepções sobre a cidade; itens como vassoura, balde, produtos de limpeza e uma carteira de trabalho recriada em um tamanho grande, para evidenciar as questões pertinentes às lutas trabalhistas das trabalhadoras domésticas; trabalhos realizados por professoras/es e alunas/os da rede municipal de ensino dentro de ações relacionadas à história e cultura afro-indígena, temáticas pouco trabalhadas em sala de aula; peruca, maquiagem, e uma bandeira com as cores do arco-íris, trazendo questões sobre a vivência e as lutas LGBT, especificamente trans/travesti; objetos referentes a região do Passo dos Negros, selecionados por moradores da região, como um troféu do Osório Futebol Clube.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



A realização da exposição englobando todos os projetos em um casarão da época da escravidão, considerado patrimônio de Pelotas, foi muito significativa. Ressaltamos que alguns dos grupos trabalhados pela exposição, antes sequer podiam entrar pela porta da frente destes casarões. Por ser uma exposição “uma organização espacial e visual correspondente a uma dada concepção intelectual e ideológica” (BARBUY apud CÂNDIDO 2003: 119), toda narrativa expográfica envolve recortes, seleções e descartes. Considerando que os grupos trabalhados pelos projetos não estão inseridos nas exposições dos museus da cidade de Pelotas, acreditamos na importância de uma exposição montada dentro de um casarão para dar legitimidade à memórias que foram exiladas. A proposta era não apenas trazer as narrativas destes grupos para uma exposição, mas também, motivar que as instituições culturais reflitam sobre suas exposições e insiram novos grupos em suas narrativas expográficas.

No módulo sobre o projeto Mapeando a Noite montamos uma travesti-manequim; pessoas que visitavam a exposição a batizavam com diferentes nomes, inclusive uma funcionária da SECULT, identificando-se com o projeto, batizou a manequim com nome de sua filha, também uma travesti. Visitantes maquiaram-se e dialogaram conosco sobre a temática LGBT, porém pudemos perceber, que muitas /os nunca sequer haviam ouvido falar sobre travestis e transexuais ou sobre a dificuldade destes grupos em conseguir um emprego formal. Nos surpreendeu a interação com as crianças, que estavam mais curiosas e interessadas pela temática, trazendo assim possibilidades importantes de diálogo, como em um momento onde um aluno quis se maquiar, apesar da resistência da professora. A questão da prostituição foi outra temática relevante do módulo, obtivemos um relato de um professor sobre duas alunas que se prostituíam, surgindo a questão de como isso deve ser tratado nas escolas.

Outro módulo da exposição falava sobre a presença de terreiros na cidade, pelo fato da região de Pelotas e Rio Grande se a segunda região brasileira com maior número de casas de religiões de matriz africana, informação que causou surpresa para a maioria das pessoas. Vários indivíduos se declararam praticantes destas religiões. Falaram dos preconceitos que enfrentam e, até mesmo, dos medos por vezes de revelarem suas crenças, em especial no contexto atual de crescente intolerância religiosa. Ressaltaram a importância de verem a materialidade de suas religiões exposta em um Casarão do centro histórico.

O módulo do Passo dos Negros teve destaque neste evento, tendo sido tema do artigo publicado pelo Projeto Margens na revista do Dia do Patrimônio e a Ponte dos Dois Arcos tendo sido retratada em um dos cartões postais distribuídos durante o evento. Consideramos que este módulo, embora também tratasse de questões polêmicas como as remoções de moradoras/es devido à especulação imobiliária naquela região de Pelotas, tenha sido o que mais facilmente conseguia a identificação por parte das/os visitantes. Muitas/os narraram suas vivências na localidade. Destacamos durante a mediação o pedido de patrimonialização, solicitado pela própria comunidade, do complexo do Engenho Pedro Osório, da Ponte dos Dois Arcos, construída por mão de obra escrava, o campo do Osório Futebol Clube, as figueiras centenárias e o caminho das tropas. A importância deste debate foi valorizar a materialidade e saberes de outros grupos como patrimônio.

A parte da exposição que abordou a questão afro-indígena nas escolas gerou muitas inquietações pois foi o que mais chamou atenção das mídias como a RBSTV. Provavelmente por ser um tema com maior aceitação. Os trabalhos



desenvolvidos pela Escola Municipal Ensino Fundamental Jornalista Deogar Soares serviram como exemplo por abordarem diferentes metodologias para se trabalhar as temáticas em sala de aula. Várias/os docentes falaram de suas dificuldades em desenvolver tais temas junto às/aos alunas/os.

Outra temática de extrema relevância foi a visibilidade das lutas das trabalhadoras domésticas, que por muitos séculos não tiveram direitos trabalhistas garantidos. Os direitos trabalhistas recentemente assegurados pela Pec das domésticas, estão sujeitos a sofrer grandes retrocessos com as reformas trabalhistas propostas na atualidade. A exposição permitiu levantar relatos sobre a relação das/os visitantes com o trabalho doméstico. Inclusive, sobre os próprios casarões do centro de Pelotas, a pesquisa levantou relatos de trabalho doméstico infantil, por exemplo. O módulo interativo tornou possível trazer diferentes passados para aquele espaço expositivo, inclusive o passado destas trabalhadoras que se misturam com o passado dos casarões do centro histórico.

4. CONCLUSÕES

Assim, procuramos neste texto apresentar a exposição como parte importante das pesquisas do projeto Margens pois, ao levar os primeiros resultados das pesquisas sobre os diferentes grupos para a comunidade, criou-se um espaço de diálogo com a sociedade, o que possibilitou também o levantamento de muitas narrativas e percepções que servem de dados para a continuidade das pesquisas. Os grupos diversos em processos de exclusão tiveram legitimidade de fala em espaços que historicamente os excluíam. As narrativas e materialidades apresentadas pelos módulos, durante o evento organizado para apresentar os patrimônios da Cidade, foram valorizadas. Assim como, as diferentes formas destas comunidades de habitar a cidade. Foi ressaltado o direito à cidade conforme preconizado por Agier (2015)

As próprias inquietações e conflitos gerados a partir da exposição constituem-se também elementos importantes para a pesquisa. Das mais diversas interações, positivas e negativas, surgiram dados relevantes. Um próximo passo será levar os resultados da exposição para debate junto aos grupos participantes do Margens por meio de mesas de discussão durante o evento denominado *Cidades em transe: margens, conflitos e resistências*, que acontecerá em novembro de 2017. Reforçamos que é na interação entre universidade e comunidade que o projeto *Margens* desenvolve sua pesquisa. Todos estes eventos estão sendo registrados de diferentes maneiras, uma das propostas é gerar um banco de dados digital e um documentário sobre o projeto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro.** Mana vol.21 no.3 Rio de Janeiro Dez. 2015

ALFONSO, Louise Prado. **Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas.** Projeto de Pesquisa. Ufpel. 2017.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Ondas do pensamento museológico brasileiro. **Cadernos de Estudos de sociomuseologia**, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2003.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta.** Editora Paz e Terra, 2014.